



As folhas sagradas de ossaim: agroecologia quilombola no Rio Grande Do Sul, Brasil.

The sacred leaves of ossaim: quilombola agroecology in the Rio Grande Do Sul, Brasil.

FONSECA, Eder.R.¹; FUNK, Tanja R.²; RIBEIRO, Maria G³.; FERREIRA, Jéssica C.⁴; PESTANA, Marlon B.⁵

¹Universidade Federal do Rio Grande – FURG,
ederfonseca12@gmail.com; ²FURG, tanjaraquelfunk9269@gmail.com; ³FURG,
ribeirogabriela754@gmail.com; ⁴FURG, jessicacosta67796@gmail.com; ⁵FURG, mbpestanda@furg.br

Eixo temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiças ambientais

Resumo: A pesquisa buscou realizar um levantamento etnobotânico das plantas com importância fitossociológica nos quilombos do Rio Grande do Sul. Após essa ação a área piloto foi sacralizada através dos cantos e rezas ao orixá regente da horta, momento em que foi assentado o *ocutá* e distribuídos os *patuás* e as ervas para os participantes do plantio. Justificativa: invisibilidade dos traços da identidade cultural quilombola associada ao plantio de espécies típicas da cultura. Objetivo: recultuar a terra através da tradição oral e promover a transição agroecológica para proveito sócio-econômico da comunidade. Metodologia: se usou os conceitos da Agroecologia Quilombola e da etnobotânica para criar um modelo de horta que atenda outras comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul. Resultados: modelo da sacralização do solo, criação de *ocutás* e *patuás*, organização de danças, rezas e celebrações para axé do cultivo agroecológico baseados na sabedoria ancestral quilombola, através da tradição oral dos Griôs.

Palavras-chave: Agroecologia; Quilombola; Patrimônio Cultural.

Abstract: The research sought to carry out an ethnobotanical survey of plants with phytosociological importance in the quilombos of Rio Grande do Sul. After this action the pilot area was sacralized through the songs and prayers to the orixá regent of the vegetable garden, at which moment the *ocutá* was settled and the *patuás* and herbs for planting participants. Rationale: invisibility of the features of quilombola cultural identity associated with the planting of typical species of culture. Objective: to recuse the land through oral tradition and to promote the agro-ecological transition for the socio-economic benefit of the community. Methodology: the concepts of Quilombola Agroecology and ethnobotany were used to create a garden model that will serve other quilombola communities in Rio Grande do Sul. Results: soil sacralization, creation of *ocutás* and *patuás*, organization of dances, prayers and celebrations for axé of the agroecological culture based on the quilombola ancestral wisdom, through the oral tradition of the Griffins.

Keywords: Kilombola; Agroecology; Cultural Heritage.

Introdução

A pesquisa trata de um trabalho de aplicação prática dos princípios da Agroecologia quilombola na comunidade da Coxilha Negra, no interior do Rio Grande do Sul. Entende-se que é possível o desenvolvimento de uma Agroecologia baseada nos



princípios da etnobotânica quilombola (DE ARAÚJO, 2018). Esse trabalho apresenta de forma breve, os dados recentes resultantes da prática de três canteiros cultivados através do sistema milenar da agricultura consorciada afro-brasileira. A aplicação dos canteiros de base agroecológica quilombola apontou para duas situações: a participação quilombola nas tomadas de decisão da Agroecologia e a tradição oral do cultivo de ervas medicinais e de espécies com forte teor nutritivo. Para chegar a essas informações nos baseamos em Fidelis (2011).

Portanto, a Agroecologia quilombola tem o compromisso primário da ação afirmativa de corrigir solos desgastados (DINIZ et al 2018). E, posteriormente, trabalhar a identidade do sujeito coletivo no fortalecimento das identidades locais. Nesse aspecto, inserem-se as ervas medicinais, as sementes crioulas, a etnobotânica (ROCHA, 2018), as plantas enteógenas e o saber popular da terra sagrada na cosmovisão agroecológica do quilombo (DE BARROS, 2015).

O objetivo principal desta pesquisa foi o de fomentar a Agroecologia quilombola, com base nos princípios da identidade cultural da comunidade, dos saberes-fazeres locais para gerar uma possível auto-suficiência agroecológica com base nos cultivos afro-brasileiros. O fomento tem por base uma forte religiosidade que antecede o prisma teórico, mas que também faz parte dele (FIDELIS, 2018).

Nesse sentido, buscou-se trabalhar com as comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul, tendo em vista o seu próprio caleidoscópio de percepções culturais sobre a produção de alimentos e ervas medicinais. O principal problema levantado foi a potencialidade da aplicação de agroecossistemas nos quilombos e o seu diálogo com as práticas tradicionais de cultivo passadas de geração a geração pelos mestres da tradição oral ou griôs.

Em síntese, a pesquisa se justificou por pensar a Agroecologia Quilombola dentro da cosmovisão das comunidades tradicionais com remanescentes de formas tradicionais de plantio. E também dialogou com as práticas culturais para o melhor aproveitamento dos cultivos tradicionais. Ocorreu a ampliação e extensão dos saberes populares para os quilombos vizinhos e o fortalecimento da identidade e territorialidade quilombola.

Metodologia

A Aplicação dos canteiros de base agroecológica quilombola apontou para duas situações: a participação quilombola nas tomadas de decisão da Agroecologia e a tradição oral do cultivo de ervas medicinais e de forte teor nutritivo. Para chegar a essas informações nos baseamos em Fidelis (2011):

Mas o que se considera importante são os cultivos, a preservação e a adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do quilombo, sendo que todas mantêm um bom vigor germinativo no seu sistema de cultivo. A comunidade desenvolveu, durante dois séculos, nas áreas onde está assentada, estratégias que



Ihe garantiu o sucesso por meio da prática da agricultura. E isso se deve à posse das sementes, dos conhecimentos e de seus saberes tradicionais. Carece, portanto, que esses acúmulos de conhecimentos sejam estudados e entendidos para que sejam preservados e, com isso, que seja possível lhes dar o devido valor. (FIDELIS, 2011, p. 68)

Portanto, a Agroecologia Quilombola tem o compromisso primário da ação afirmativa de corrigir solos desgastados (DINIZ et al 2018). E, posteriormente, trabalhar a identidade do sujeito coletivo no fortalecimento das identidades locais. Nesse aspecto, inserem-se as ervas medicinais, as sementes crioulas, a etnobotânica (ROCHA, 2018), as plantas enteógenas e o saber popular da terra sagrada na cosmovisão agroecológica do quilombo (DE BARROS, 2015).

Foram abertos três canteiros, na área central da propriedade do Sr. Breno Correia. O espaço de sacralização do solo considerou o substrato organicamente estéril e o Orixá Oyá (Iansã) que rege o mês de viração da terra. Uma equipe de oito alunos e três docentes, juntamente com o coletivo quilombola da FURG Campus São Lourenço do Sul, através de duas disciplinas Introdução à Extensão Rural e Metodologias Participativas em Extensão Rural realizou reuniões bimensais com a comunidade.

Após os contatos ficou decidida a recuperação de uma área degradada através dos princípios da Agroecologia Quilombola, contando com a participação do saber popular e o poder das folhas e da terra preta. Após a seleção de um solo preto, antiga deposição de cama de galinheiro, a equipe fez a transposição do solo e sacralização do mesmo. Entre os três canteiros de plantas alimentícias e ervas medicinais consorciadas, foram abertas duas “sangrias” para as enxurradas limparem os canteiros e levarem as impurezas.



Figura 1 e 2. Quilombolas regando os canteiros após a sacralização; pedra de xangô posicionado numa das pontas do raio de Oyá, formado pelos sulcos do canteiro.

Fonte: Eder R. Fonseca.

Essas sangrias aliadas aos sulcos dos canteiros foram um símbolo de “relâmpago” que representa Oyá e pode ser visto do alto. Após essa prática, os alunos depositaram quatro pedras sagradas da Xangô, chamadas de “okutá”, ou pedras de



assentamentos para os Orixás. Essas pedras têm a funcionalidade de equilibrar a entrada e saída hídrica dos sulcos dos canteiros. Cada pedra, além da função espiritual, serve como um “comporta” para evitar a lixiviação do solo e o escoamento de nutrientes.

“Assim, estudos etnobotânicos no Quilombo São José da Serra poderão convergir para realimentar a cultura, desenvolver assistência técnica agrícola, construir coletivamente o debate político, favorecer estratégias de exigibilidade de direitos e formar lideranças capazes de pensar, na especificidade da tradição territorial quilombola, a reconversão das áreas de monocultura e de agropecuária.” (ROCHA, 2011, p. 13)

Rocha (2011) supracitada menciona a constante necessidade de realimentar a cultura para repensar estratégias para evitar a perda da territorialidade quilombola. Em seguida da sacralização da terra, a turma foi orientada a coletar diferentes espécies de mudas existentes no local. Foram coletadas e plantadas nos canteiros um universo de 60 mudas de diferentes espécies etnobotânicas. Essa metodologia está de acordo com pesquisas recentes que consideram a cultura como processo fundamental na produção agroecológica (DE ARAÚJO, 2012; ROCHA, 2011).

Até o momento foram realizadas reuniões com o coletivo quilombola que demonstrou interesse em sacralizar suas terras para a recuperação de áreas degradadas e de solos “mortos”. A comunidade quilombola da Coxilha Negra tem por cosmovisão a Agroecologia como empoderamento da sua identidade cultural. A pesquisa do patrimônio cultural quilombola, da espiritualidade e religiosidade da comunidade, além das percepções da própria comunidade da sua etnobotânica como patrimônio histórico e cultural resultaram nas hortas sagradas de cultivo agroecológico. Essas hortas são resultados de transferência de solo orgânico (vivo) que é protegido pelas “okutás”, ou simplesmente pedras de Xangô, para assentamento dos Orixás. A horta de plantas consorciadas é irrigada com hidrodinâmica de gravidade e forma com os sulcos dos canteiros o símbolo do raio de Oyá.

A Educação Patrimonial nas comunidades tradicionais do campo tem possibilitado um refinamento do conceito de patrimônio cultural de base agroecológica. As comunidades quilombolas estão buscando na educação patrimonial elementos que auxiliem na melhora da qualidade de sua produção alimentar e econômica. Ao promover a diversidade de produção através de relatos históricos, oralidades e etnografia, os quilombos adotam cada vez mais a autonomia agroecológica (DE ARAÚJO, 2018).

Resultados e discussão

Os resultados obtidos fazem parte do patrimônio cultural, identidade e etnobotânica quilombola da comunidade Coxilha Negra. O solo orgânico (terra preta) implantado compôs uma área de 8,0 x 5,0 m, como área piloto do experimento, totalizando 40,0



m² de área cultivada nos parâmetros teóricos nacionais (FIDELIS, 2011). Foram transplantadas aproximadamente sessenta mudas que se consociaram na horta tradicional. As principais plantas da etnobotânica quilombola identificada foram Tansagem *Plantago major*; Funcho *Foeniculum vulgare*; Couve *Brassica oleracea*; Dinheirinho *Pilea microphylla*(L.) e Picão branco *Galinsoga parviflora*.

Observou-se que existem cultivos tradicionais semelhantes em outras comunidades quilombolas (ROCHA, 2011; DE ARAÚJO, 2012), mesmo que seja um quilombo implantado em diferente bioma (PEREIRA, 2007). Logo, parece que há uma persistência positiva da tradição oral sobre o clima e o ambiente, informação que é corroborada pela tradicionalidade oral dos Griôs, que é um importante elemento da resistência cultural quilombola.

A Agroecologia é o modo de produção tradicional dos quilombos por milênios, que se mantém preservados até a atualidade através das comunidades tradicionais remanescentes de quilombos.

Conclusões

Até o momento foram realizadas reuniões com o coletivo quilombola que demonstrou interesse em sacralizar suas terras para a recuperação de áreas degradadas e de solos “mortos”. Os quilombos do Rio Grande do Sul adotaram por cosmovisão a Agroecologia como empoderamento da sua identidade cultural. A diversificação de produção nas comunidades quilombolas foi um dos resultados obtidos com a pesquisa, que corrobora para a produção autoconsumo e a sócia-economia da família quilombola.

A Agroecologia Quilombola tem promovido o aumento da produção de alimentos orgânicos e saudáveis consumidos através de *kitandas* nas comunidades de entorno, proporcionando segurança e soberania alimentar. A pesquisa do patrimônio cultural quilombola, da espiritualidade e religiosidade da comunidade, além das percepções da própria comunidade da sua etnobotânica como patrimônio histórico e cultural resultaram nas hortas sagradas de cultivo agroecológico. Essas hortas são resultados de transferência de solo orgânico (vivo) que é protegido pelas “okutás”, ou pedras de Xangô, para assentamento dos Orixás. A horta de plantas consorciadas é irrigada com hidrodinâmica de gravidade e forma com os sulcos dos canteiros o símbolo do raio de Oyá.

Referências

DE ARAÚJO, Marli Gondim. A comunidade remanescente de quilombo do Engenho Siqueira: territorialidade, identidade quilombola e potencialidade da agroecologia. **Cuadernos de Geografía**, v. 21, n. 1, p. 99-114, 2012.



DE BARROS, José Flávio Pessoa. **A floresta Sagrada de Ossaim: o segredo das folhas.** Pallas Editora, 2015.

DINIZ, Raphael Fernando; DOS SANTOS TUBALDINI, Maria Aparecida. O uso da biodiversidade local e da agroecologia na recuperação de áreas degradadas em territórios quilombolas nos municípios de Minas Novas e Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG. **Ateliê Geográfico**, v. 5, n. 2, p. 123-153, 2011.

FIDELIS, Lourival. Quilombos, agricultura tradicional e a Agroecologia: o agroecossistema do Quilombo João Surá sob a ótica da sustentabilidade. **Cadernos CERU**, v. 22, n. 1, p. 57-72, 2011.

ROCHA, Joyce Alves; NEFFA, Elza; DANIEL, Denise. Estudos etnobotânicos e dinâmicas socioambientais no Quilombo São José da Serra/RJ. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES**, v. 1, n. 1, 2011.

PEREIRA, Luciano Araujo et al. Plantas medicinais de uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental: Aspectos utilitários de espécies das famílias Piperaceae e Solanaceae. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, 2007.